

DESIGUALDADE DE ACESSO, TRABALHO DOCENTE E O FUTURO DA EDUCAÇÃO PÓS-PANDÊMICA

Inequality of access, teaching work and the future of post-pandemic education

Manoela Helena da Silva – UnB*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo descrever como a pandemia tem amplificado as dificuldades de acesso à educação, estendendo estes conflitos para a atuação docente, salientando que é imprescindível que estes aspectos sejam destacados ao se pensar a educação pós-pandemia. A pesquisa bibliográfica e a análise qualitativa dessa pesquisa foram utilizadas como metodologia. As principais fontes buscadas foram artigos publicados no meio digital e em plataformas como Scielo, Google Scholar, e jornais relacionados, definidas com um recorte entre o período de 2019 e 2021 para que fossem alcançados os estudos que descrevessem e apresentassem dados acerca da realidade da educação pública durante o contexto pandêmico. Os resultados evidenciam a urgência de conhecer e pautar nas políticas públicas as desigualdades sociais e econômicas vivenciadas durante a pandemia, uma vez que refletiram diretamente na qualidade da permanência e acesso à educação dos estudantes brasileiros.

Palavras-chave: Desigualdade. Trabalho docente. Educação pós-pandêmica.

Abstract: This work aims to describe how the pandemic has amplified the difficulties in accessing education, extending these conflicts to teaching activities, emphasizing that it is essential that these aspects be highlighted when thinking about post-pandemic education. Bibliographical research and qualitative analysis of this research were used as methodology. The main sources sought were articles published in the digital environment and on platforms such as Scielo, Google Scholar, and related newspapers, defined with a cut between the period of 2019 and 2021 so that studies were achieved that described and presented data about the reality of education public during the pandemic context. The results show the urgency of knowing and guiding in public policies the social and economic inequalities experienced during the pandemic, since they directly reflected on the quality of permanence and access to education of Brazilian students.

Keywords: Inequality. Teaching work. Post-pandemic education.

INTRODUÇÃO

A pandemia do novo Coronavírus (SARS-CoV-2) fez com que o mundo inteiro buscasse uma reinvenção nas maneiras de exercer suas atividades, logo, é evidente que a crise instaurada por ela não atingiu todos da mesma maneira. Estamos vendo a maior crise sanitária do século escancarando ainda mais os altos níveis de desigualdade presentes na sociedade. No Brasil, além de estarmos imersos em um colapso político e econômico, temos de lidar diariamente com um grande movimento negacionista que vem agravando ainda mais esse cenário tão delicado, vemos esse caos se estender até as frágeis estruturas da nossa educação.

Para os docentes, além da convivência e dos laços afetivos em sala de aula, que fortalecem o processo de aprendizagem, em um futuro próximo será modificada também a maneira como esses profissionais irão trabalhar, tanto nas suas práticas pedagógicas quanto no planejamento das suas aulas e avaliações. Os professores tiveram que desenvolver, em pouquíssimo tempo, diversas habilidades voltadas para o uso da tecnologia, como técnicas voltadas para o acesso à internet, para a elaboração de materiais em formato digital e para tantas outras funções que lhes foram atribuídas. A verdade é que se formulou e empurrou aos professores, às pressas, uma prática improvisada e frágil, sem

* Graduanda de Licenciatura em Ciências Naturais FUP- Faculdade UnB de Planaltina-DF UnB- Brasília-DF.

E-mail: manoelahelena247@gmail.com.

qualificação prévia e disponibilização de equipamentos (SILVA, 2020). Essa realidade se torna ainda mais delicada quando refletida nos estudantes, principalmente os de escolas públicas, onde a falta de materiais e recursos dificulta ainda mais essa adaptação. Os alunos tiveram de enfrentar um sistema educacional que não tem estrutura suficiente para ampará-los frente à essa nova realidade (AVELINO, 2020).

O texto descreve, em tese, a maneira como a pandemia tem amplificado as dificuldades de acesso à educação, estendendo os conflitos deste cenário para a atuação docente frente a sua forçada digitalização e tem por objetivo evidenciar como é imprescindível que estes aspectos sejam levados para discussões futuras ao se pensar a educação no período da pós-pandemia. Para tal, foram utilizadas como metodologia a pesquisa bibliográfica e a análise qualitativa dessa pesquisa. As principais fontes buscadas foram artigos publicados no meio digital e em plataformas como Scielo, Google Scholar e jornais relacionados. As buscas de artigos foram definidas com um recorte entre o período de 2019 e 2021 para que fossem alcançados os estudos que descrevessem a realidade da educação pública durante o contexto pandêmico. De forma complementar, foi acrescentado uma abordagem quantitativa, expondo dados de pesquisas contendo os expansivos números de alunos fora da escola e sem acesso à educação durante a pandemia, a fim de apresentar outros aspectos que reforçam o objetivo desta discussão.

Enquanto professora em formação da educação básica que teve de iniciar a sua docência em meio ao caos da pandemia e da inserção do ensino remoto no Brasil, presenciando os impactos desta na educação pública, tenho como esperança primeira que este trabalho possa somar aos demais dentro desta perspectiva, contribuindo para o reconhecimento de que estão sendo deixadas marcas profundas na vida escolar dos estudantes, na atuação dos professores e na própria identidade docente. É necessário também que se reconheça que este cenário não é o mesmo para todos, diante da enorme desigualdade de acesso à educação para garantir a problematização dessa pauta nas discussões que tangenciam o futuro da educação.

AS DIFICULDADES AMPLIFICADAS PELA DESIGUALDADE

Um artigo publicado no Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) mostra que a evasão escolar tem aumentado significativamente durante a pandemia. A evasão já era uma realidade crescente no país e este fato vem se intensificando no período pandêmico. Estudos mostram que esse aumento está relacionado ao latente empobrecimento da população, causado principalmente pela diminuição dos empregos formais, pela má distribuição de renda e pelo crescente aumento da inflação. Diante desses fatores, os estudantes têm deixado as escolas para ajudarem na renda da família, conservando assim a dignidade de seus grupos. Além disso, se faz presente também a necessidade da democratização do acesso à internet e aos aparelhos eletrônicos, ferramentas essenciais para o acompanhamento das aulas, para que se reduza a soma dos motivos que levam os estudantes a deixarem de exercer a pesquisa e o estudo em decorrência da não participação das aulas.

De acordo com uma pesquisa feita pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), em novembro de 2020 mais de 5 milhões de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos estiveram fora da escola ou não tiveram acesso às atividades escolares, o que corresponde a 13,9% da parcela da população em todo o Brasil. O estudo ainda mostra que a exclusão foi ainda maior para aqueles que já estavam em situação de vulnerabilidade, a exemplo de grupos compostos de crianças e adolescentes pretos, pardos e indígenas, que correspondem a 69,3% do total de crianças e adolescentes sem acesso à educação.

A partir da análise destes dados, é importante ressaltar um ponto muito delicado: em função destes motivos, existe a chance de que estes estudantes nem sequer retornem à escola após o fim da pandemia, uma vez que, já ausentes, estarão ainda mais desmotivados, e os que retornarem terão ainda mais dificuldade de lembrar e acompanhar os conteúdos. Preocupação também ressaltada por Lopes (2020), quando fala sobre o abismo social e intelectual que acometerá estes estudantes após o período de isolamento. Isso nos mostra como a organização de políticas públicas que assegurem o direito destes estudantes, previsto na Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de acesso à educação, tem se mostrado urgente, além de escancarar como o poder econômico associado à crise sanitária tem determinado quem pode estudar no Brasil. Essa

problemática é extremamente preocupante, pois a formação intelectual da nova geração é, justamente, o meio mais adequado para diminuir as desigualdades sociais (BERNARDINELLI; ALMEIDA, 2020).

Uma outra realidade é a enfrentada por aqueles alunos que, mesmo não tendo acesso aos recursos digitais de nenhuma maneira, permanecem matriculados na escola. Para estes estudantes é preparado um material impresso. O professor formula o material em torno dos conteúdos trabalhados e algumas atividades para que os estudantes tenham acesso e consigam fazê-los de suas casas. Posteriormente, este material será enviado à escola e retorna para o professor, que irá avaliá-lo conforme as orientações da rede pública de ensino para o registro das atividades pedagógicas não presenciais. Percebe-se nesta dinâmica que todo o contato que o aluno terá com os estudos virá por meio deste material e toda a sua participação e aprendizagem resultará da avaliação mediante suas respostas. Sabemos que a pandemia forçou todo o sistema educacional a buscar alternativas para se reconfigurar para assim manter o ensino de pé durante este período, mas analisando a situação se nota como essa adaptação tem sido desigual. Diante disto, é urgente que levantemos algumas questões: como um compilado de atividades e textos impressos podem ser capazes de representar todo o processo de aprendizagem do estudante? Como esse estudante foi capaz de aprender? Houve de fato aprendizagem apenas contando com o que lhe foi entregue neste material? É admissível inferir que, a partir destes apontamentos, é possível visualizar uma precarização e uma divisão de grupos favorecidos socialmente por meio do acesso mínimo do que tem sido possível fazer no ensino remoto, por aqueles que se encontram em pior situação socioeconômica.

A DOCÊNCIA DIGITAL

Toda a reconfiguração no sistema educacional brasileiro trouxe desafios também aos professores, além dos que já vinham sendo enfrentados todos os dias. Com a adoção do ensino remoto, todas as práticas seriam feitas de maneira remota, via internet, e o contato com os estudantes passaria a ser feito por meio de plataformas digitais e de maneira integral.

A aproximação da tecnologia às práticas educacionais não foi algo que surgiu com a pandemia. Já estávamos acompanhando o crescente uso de novos recursos digitais por parte dos professores como forma de inovar suas metodologias de ensino. A grande diferença dessa aproximação para o ensino remoto está na celeridade com que essa imersão ao meio digital foi exigida e sem que a grande maioria dos estudantes pudessem ter acesso a ela.

Além dessas, são muitas outras questões envolvidas nos desafios que o ensino mediado por tecnologia trouxe aos professores. Imersos de maneira abrupta nesse novo cenário, os professores tiveram que desenvolver novas estratégias de ensino e metodologias capazes de serem aplicadas de forma online. Dentro desse desenvolvimento abrem-se diversas possibilidades, são vários os recursos digitais disponíveis a serem utilizados, porém, além da problemática na questão do próprio acesso a esses recursos, pela maneira como tem se estruturado o uso das tecnologias e abrilhantado o ensino à distância, surgem também discursos sobre a reestruturação da prática professoral, além da sua responsabilização pelo possível fracasso escolar do estudante durante esse período.

O papel do professor dentro da educação passa a ser visto como algo complementar, de maneira que o implemento da tecnologia deva dar conta de prender a atenção do estudante durante as aulas, e que deva ser capaz de fazê-lo compreender os conteúdos, e o professor que supostamente não fosse capaz de atingir tais objetivos, não seria adequado.

Tem-se presumido que

[...] assim como um programador de software é capaz de realizar o home office, um professor também deveria ser. Como um gerente de vendas ou representante de marca é capaz de organizar slides com a finalidade de vender um produto, o professor também deveria produzir uma apresentação para a aula de orações subordinadas que fosse capaz de prender a atenção dos estudantes. (FRANÇA, 2020).

É importante ressaltar que, este trabalho não pretende banalizar o uso da tecnologia para fins educacionais, tampouco desconsiderar as potencialidades que estas ferramentas podem oferecer. A atenção levantada aqui está para os discursos sobre a sua implementação em esfera educacional, conforme explicitado anteriormente, de maneira que se entenda a pretensão de minimizar o trabalho docente ou que o seu uso esteja sendo a principal forma de validar a qualidade de sua atuação.

Nesta mesma discussão, cabe ressaltar ainda um outro aspecto dentro do que se tem entendido sobre o significado da atuação docente. Estando o professor em atividade de ensino, ele busca por metodologias e recursos que melhor consigam auxiliá-lo em sua prática, isso é inerente à sua própria atuação. Entretanto, no ensino remoto, o professor tendo como único meio de contato com seus estudantes a internet, tem sentido maior dificuldade em atingir o êxito em suas propostas, essas dificuldades têm feito com que os docentes busquem diferentes alternativas para tentarem alcançar seus alunos e seus objetivos para com eles.

Tem-se visto diversos professores sendo convocados a fazerem, por meio de vídeos, podcasts e slides animados, assumindo papel semelhante ao de youtubers e criadores de conteúdo digital, para convencerem os seus estudantes de ao menos verem o que tem sido produzido por eles. Essa preocupação é também ressaltada por Cardoso e Mendonça (2020) quando destacam a fetichização do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), que podem levar docentes a se preocuparem muito mais com o engajamento dos seus conteúdos nas redes sociais, *likes*, *views* e promoção de *lives*, por exemplo. Além de fazer com que os docentes cumpram múltiplos papéis, transtornando e confundindo as esferas do trabalho e da vida pessoal, sem contar com apoio das instituições de ensino (CARDOSO; MENDONÇA, 2020).

A EDUCAÇÃO NO PERÍODO PÓS-PANDÊMICO

Sabemos que o futuro ainda é muito incerto, mesmo vivenciando quase dois anos de pandemia (até o momento da escrita deste texto), o povo brasileiro ainda tem muitas dúvidas sobre os próximos cenários. Quando estas inquietações sobre o futuro são feitas a respeito da educação, são levantadas questões delicadas. Temos visto como essa situação tem exaltado deliberadamente as maiores desigualdades já vivenciadas no país. Tudo isso está acontecendo todos os dias diante dos nossos olhos e estas problemáticas infelizmente ainda vão ecoar por muito tempo na educação brasileira.

Tendo isso em mente, cabe ressaltar que pensar a educação em um contexto pós-pandêmico não implica apenas propor reconfigurações para a adoção de uma nova modalidade de ensino ou de novas possibilidades pedagógicas a partir dos recursos tecnológicos aos quais foram utilizados. Apesar de ser evidente que muito do que foi feito durante o ensino remoto e muitos dos recursos utilizados vão continuar fazendo parte das práticas de vários professores, é necessário reconhecer a maneira como tudo o que foi vivido durante a pandemia provocou alterações substanciais no ponto de vista econômico, social e educacional na realidade brasileira e latina.

Muito tem se falado a respeito de como o ensino remoto teria proporcionado novas possibilidades de ensino e metodologias diversificadas, de forma a aproveitar os recursos tecnológicos para “inovar” as práticas educacionais. Isso de fato tem pontos positivos, uma vez que o uso das tecnologias pode aproximar os professores dos estudantes. Todavia, levantar o argumento de que a escola deva acompanhar e se fazer parte integrante dos avanços tecnológicos, na justificativa de que os estudantes vivem na era digital e de que a pandemia teria evidenciado ainda mais esta necessidade e a abertura para isso, além de negligenciar as condições de desigualdade de acesso a essas tecnologias, que isso de fato, a própria pandemia escancarou, seriam os mesmos alunos que não conseguiram apropriar-se dos conteúdos por não terem sequer acesso à internet, que se encontrariam excluídos dessa realidade escolar (TREZZI, 2021).

Notadamente, diante da nova realidade imposta pelo Covid-19, cabe a nós levantarmos questionamentos não somente acerca do uso e acesso às tecnologias, mas sobretudo, da possibilidade de serem ofertados a professores e alunos condições para que se exerça com plenitude as dinâmicas dos recursos tecnológicos. Compete urgência pelo reconhecimento de que são muitos os desafios e os fatores implicados, desde a falta de estrutura tecnológica das escolas até a formação dos próprios para um uso crítico das tecnologias (CANI et al., 2020, p. 24).

Para pensar a educação brasileira pós-pandêmica é primordial ressaltar essa discussão, que traz aspectos que irão refletir diretamente em seu andamento. Será importante lembrar o quão difícil foi atuar no ensino remoto, e o quanto a escola pública sofreu com maiores dificuldades a falta de recursos e investimentos. Será necessário também refletir sobre o importante papel do professor para a educação, e ter em mente que, além da oferta de formação continuada para uso de tecnologia ou dos próprios aparelhos para a escola, será ofertada legitimamente por via de seu trabalho, melhores condições para a sua atuação. Por fim, um ponto importante será também o de tentar provocar ao máximo uma aproximação da dimensão de prejuízos na aprendizagem dos estudantes para não só construir a continuidade em suas jornadas acadêmicas, mas também fazer da escola um ambiente cada vez menos excludente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise bibliográfica feita nos permitiu concluir como a pandemia (além de evidenciar como é grande a desigualdade de acesso à internet e aos recursos tecnológicos) colocou em uma situação ainda mais delicada todos os estudantes que já se encontravam em uma pior situação socioeconômica. Em um contexto em que o ensino remoto foi o principal caminho, nós vimos milhares de estudantes restringidos ou totalmente impedidos de realizar suas atividades escolares por falta de recursos, conforme ressaltado na análise quantitativa apresentada, expondo o número de estudantes que estão sem realizar qualquer atividade escolar por falta de recursos.

Refletindo a problematização desses impactos sobre a atuação docente, é notório o reconhecimento de sua maior desvalorização. A digitalização dos trabalhos dos professores traz à tona preocupações muito importantes acerca da legitimação do próprio papel do professor para a educação e do significado do “ser professor” para a escola e para os estudantes. Quando estivermos frente ao fim da pandemia e pudermos direcionar as discussões para vivermos o “novo normal”, ao mencionar a educação, será imprescindível lembrarmos desses aspectos e destas dificuldades. A educação terá importância fundamental para superarmos as marcas da desigualdade deixadas pela pandemia, mas este não será um papel exclusivo da educação. Antes de começar a considerar alternativas que afetem a estrutura da escolar, é preciso pensar a própria identidade da escola, e pensando a identidade da escola, pensar a humanização da mesma. É priorizando uma escola humanizada, capaz de valorizar as particularidades de cada estudante que serão construídas relações de mais empatia, proporcionando assim a existência de uma escola pautada na inclusão, e não na exclusão.

REFERÊNCIAS

AVELINO, W. F.; MENDES, J. G. A realidade da educação brasileira a partir da Covid-19. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 56–62, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3759679. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/137>. Acesso em: 4 out. 2021.

BERNARDINELLI, M.; ALMEIDA, C. A transgressão do direito fundamental à educação e os retrocessos no ensino consequência da covid 19: Desafios da educação no pós pandemia. Pensar Acadêmico, Manhuaçu, v. 18, n.5, p. 923-949, dezembro, número especial, 2020.

CANI, J. B.; SANDRINI, E. G. C.; SOARES, G. M.; SCALZER, K. Educação e covid-19: a arte de reinventar a escola mediando a aprendizagem “prioritariamente” pelas TDIC. Revista IfesCiência, v. 6, Edição Especial, n. 1, 2020, p. 23-39. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ric/article/download/713/484>. Acesso em: 17 nov. 2020.

CARDOSO, N. S.; MENDONÇA, S. G. FORPIBID-RP E A POLITIZAÇÃO COMO ENFRENTAMENTO AO ENSINO REMOTO. Revista formação em movimentação. v. 2 n. 4 (2020): Pesquisas sobre formação de professores: diferentes olhares, múltiplas perspectivas. 21-09-2020. DOI: doi.org/10.38117/2675-181X.formov2020.v2i2n4.647-654. Disponível em: <http://costalima.ufrj.br/index.php/FORMOV/article/view/624>. Acesso em: 13 dez. 2021.

DINIZ, N.; FRANÇA, B. Trabalho docente, desigualdades educacionais e capitalismo de desastre: impactos da pandemia de coronavírus na educação. Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II, v. 7, n. 13, p. 143, 2020.

LOPES, P. C. A. B. "A Covid-19, o retorno às aulas e o custo social do fechamento das escolas -o que pode ser feito?". Educação Pública, vol. 20, n. 29, 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/29/a-covid-19-o-retorno-as-aulas-e-o-custo-social-do-fechamento-das-escolas-o-que-pode-ser-feito>. Acesso em: 13 dez. 2021.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. Revista UFG, v. 20, 2020.

SALDANHA, L. C. A experiência da linguagem nas tele aulas: limites e possibilidades do diálogo pedagógico em EaD. VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEORIA CRÍTICA: DESAFIOS NA ERA DIGITAL. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP. De 10 a 14 de setembro de 2012.

SEEDF- Orientações à Rede Pública de Ensino para o registro das atividades pedagógicas não presenciais. Gerência de Supervisão da Rede Pública de Ensino. Julho, 2020. Acesso em: 11 de out 2021.

SILVA, F. R.; SILVA, A. A. Ensino remoto e educação em tempos de pandemia do novo coronavírus no Brasil: aproximação crítica sobre os impactos no ensino-aprendizagem. Revista LABOR, Fortaleza, v. 2, n. 24, p. 87-109, jul./dez. 2020.

TREZZI, C. A educação pós-pandemia: uma análise a partir da desigualdade educacional. Dialogia, São Paulo, n. 37, p. 1-14, e18268, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.n37.18268>. Acesso em: 19 de nov. 2021.

UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância- Cenário da Exclusão Escolar no Brasil-Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação. Editora Cenpec Educação. Abril, 2021. Acesso em: 03 de out. 2021.

Recebido em: 10.05.2023

Aprovado em 10.06.2023